



## Recensão

### Por um Fio

**Dráuzio Varella**

Cortez Editora (7.<sup>a</sup> ed.)

2010, 92 pp.

ISBN: 978-85-249-0952-8



São inúmeras as características que fazem um livro se tornar um clássico. Algumas delas: a atemporalidade da obra, a universalidade de seus temas e a multiplicidade de leituras e significados que permite, seja pelo que diz, seja pelo que sugere. E, sem dúvida, a obra em questão, a despeito de não ser um livro específico sobre bioética, dialoga com a mesma e permite várias interpretações, sobretudo no contexto de expansão conceitual que a bioética vem sofrendo.

O livro é uma versão ampliada da Oração da Sapiência, proferida pelo autor na abertura das aulas da Universidade de Coimbra, no ano letivo de 1985/1986, e encontra-se didaticamente dividido em 4 partes distintas intituladas: prefácio, o paradigma dominante, a crise do paradigma dominante e o paradigma emergente.

O autor no prefácio se indaga sobre as dramáticas mudanças científicas ocorridas nas últimas décadas (sobretudo nos últimos 30 anos) e se pergunta, citando Rousseau, se haveria alguma correlação entre ciência e virtude, e se o desenvolvimento da primeira teria alguma correlação com uma maior felicidade humana.

No capítulo seguinte o autor apresenta o “paradigma dominante”, que na sua visão seriam os “frágeis pilares” onde estariam assentados, sobretudo a partir do século XVI, a Ciência Moderna. Tais pilares seriam: o antropocentrismo (com a dissociação completa entre ser humano e natureza), o racionalismo (com a separação total entre observador e objeto e consequente neutralidade científica), o mecanicismo (ou seja, um universo regido por leis matemáticas estáticas, imutáveis e passíveis de quantificação e reproduzibilidade) e a metodologia descartiana (que, através da análise minuciosa das partes, permitiria o entendimento do todo).

Neste contexto, tal modelo de ciência era por definição totalitário (ao não reconhecer outros princípios epistemológicos e regras metodológicas diferentes do seu) e atendia o horizonte cognitivo da burguesia ascendente, uma vez que permitia a explicação das leis da sociedade com base no mesmo princípio mecanicista que regeria as leis da natureza. Desta forma, o “atraso das ciências sociais” residiria na imperfeição destas em se adequarem os princípios mecanicistas que regulavam, por exemplo, as leis estáticas que regiam a natureza.

No capítulo determinado “crise do paradigma emergente” o autor demonstra paradoxalmente como o grande avanço tecnológico e científico promovido pelo modelo de ciência tradicional levou ao questionamento de seus pilares teóricos e evidenciando suas insuficiências estruturais. Desta forma, o princípio da simultaneidade de Einstein e o desenvolvimento da mecânica quântica (com Heisenberg e Bohr) evidenciaram as falhas no tradicional determinismo mecanicista da física newtoniana, na medida em que conceitos como espaço e tempo absolutos ou mesmo a incapacidade de observar ou medir um objeto sem interferir no mesmo se fa-



ziam presentes. Neste capítulo o autor critica a pretensa neutralidade científica, citando as bombas atômicas e afirmando que “o que a ciência ganhou em vigor nos últimos 40-50 anos, perdeu em auto regulação” ( página 56) e criticando a industrialização da ciência promovida pelo sistema capitalista.

Em seu ultimo capítulo, o autor afirma a existência de um paradigma emergente a se anunciar o horizonte, e que a despeito de não ser totalmente claro, provavelmente teria como algumas de suas características: o fim da dicotomia entre ciências sociais e naturais (todo conhecimento científico-natural é científico social), a tolerância discursiva e respeito à pluralidade metodológica (todo conhecimento é local e total), o caráter auto biográfico e auto referencial (todo conhecimento é autoconhecimento) e calcado na horizontalidade da interdisciplinaridade e na prudência (todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum).

O livro é um convite a reflexão bioética, na medida em que foi justamente neste contexto científico de assimetria entre o acelerado desenvolvimento tecnológico (sobretudo no Pós Segunda Guerra) e os dilemas éticos decorrentes do mesmo que o neologismo bioética foi inicialmente cunhado por Potter na clássica obra *Bioethics: Bridge to the Future* (1971) e posteriormente difundido em sua vertente principialista por Beauchamp e Childress em *Principles of Biomedical Ethics* (1978). E, desta forma, se durante muitos anos, a vertente principialista (baseado na premissa da autonomia, beneficência, não-maleficência, autonomia e justiça como princípios éticos universais) foi o “paradigma dominante” no desenvolvimento da bioética, a atual expansão conceitual vem se constituindo o “paradigma emergente”, na medida em que a multi-inter-transdisciplinaridade, o pluralismo moral, a multiplicidade de olhares e diálogos evidenciam a existência não de uma, mas de “várias bioéticas”, e dentre elas sem dúvida uma bioética ibero-americana, com sua própria história, contingências e particularidades.

**Rafael Everton Assunção Ribeiro da Costa**